

A EDUCAÇÃO CENTRADA NA PESSOA: PRINCÍPIOS DE PEDAGOGIA RELACIONAL NA TRANSFORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E (RE)CONSTRUÇÃO SOCIAL

Battista Soarez

Escritor, jornalista, pedagogo, assistente social, psicopedagogo, psicanalista e professor universitário.

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/CONEC-2025.02>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/CONEC-2025.02-47>

RESUMO: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que teve como pano de fundo a obra de Carl Rogers no âmbito da abordagem centrada na pessoa aplicada à educação e que designou por aprendizagem centrada no aluno. Pretende-se evidenciar a determinante importância da minha contribuição, por via da corrente humanista em pedagogia relacional, para uma maior eficácia no processo de ensino-aprendizagem, bem como para a prática da Educação contemporânea. Como propositiva, são apresentados os pressupostos fundamentais do modelo de pedagogia relacional, abordagem acerca de educação centrada na pessoa, bem como os seus princípios e suas atitudes aplicados à prática educativa nos nossos dias.

PALAVRAS-CHAVE: Educação centrada na pessoa. Relação ensino-aprendizagem. Processo de aprendizagem. Relação pedagógica. Prática educativa. Atitudes inteligentes em pedagogia relacional. Qualidade em educação contemporânea. Construção e reconstrução sociais.

PERSON-CENTERED EDUCATION: PRINCIPLES OF RELATIONAL PEDAGOGY IN INDIVIDUAL TRANSFORMATION AND SOCIAL (RE)CONSTRUCTION

ABSTRACT: This work is the result of bibliographic research that was based on the thought of Carl Rogers, within the framework of the person-centered approach applied to education, which he designated as student-centered learning. It aims to highlight the crucial importance of my contribution, through the humanistic current in relational pedagogy, to greater effectiveness in the teaching-learning process, as well as to the practice of contemporary education. As a proposition, the fundamental assumptions of the relational pedagogy model, an approach to person-centered education, are presented, as well as its principles and attitudes applied to educational practice today.

KEYWORDS: Person-centered education. Teaching-learning relationship. Learning process. Pedagogical relationship. Educational practice. Intelligent attitudes in relational pedagogy. Quality in contemporary education. Social construction and reconstruction.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica que teve como pano de fundo o pensamento de Carl Rogers — embora que seja apenas como base inicial —

SOAREZ, B. A educação centrada na pessoa: princípios de pedagogia relacional na transformação do indivíduo e (re)construção social. Modalidade: Palestra. **Anais** – IV Congresso Nacional de Educação na Contemporaneidade, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 31-50, dez./2025.



no âmbito da abordagem centrada na pessoa aplicada à educação e que designou-se por aprendizagem centrada no aluno como sujeito de transformação. No entanto, desenvolvi este pensamento pedagógico no meu livro *Por uma pedagogia existencial* (Arte Editorial, SP, 2010), seguindo princípios de uma pedagogia relacional.

Pretende-se, aqui, evidenciar a determinante importância da minha contribuição dentro da pedagogia relacional, numa coerência humanista da prática educacional, para uma maior eficácia no processo de ensino-aprendizagem, bem como para a prática da educação contemporânea.

Por esta visão, o meu objetivo fundamental será o de tentar estabelecer uma ponte entre os princípios enunciados na pedagogia relacional, no âmbito da prática educativa centrada na pessoa do indivíduo para a educação e o processo de aprendizagem. Aqui eu parto do pressuposto de que estes princípios conduzirão tanto professor quanto aluno a uma melhoria na relação pedagógica e consequentemente do processo de ensino-aprendizagem.

Ao tomar esta posição, tenho em mente o pensamento de que o sistema educativo do século XXI implementa-se num clima propício ao crescimento pessoal do ser humano na condição de ator social. Penso, entre os meus botões, que precisamos encontrar uma maneira de desenvolver — dentro do sistema político-social em geral, levando em conta cada componente — um clima conducente ao crescimento pessoal do indivíduo. Devemos encontrar um clima no qual a inovação e o repensar político opinativo não sejam assustadores. Em que as capacidades criadoras de administradores, professores e estudantes sejam nutridas e expressadas, ao invés de abafadas. Tem que haver diálogo entre escola, sociedade, família e aluno. A escola precisa estar dentro do ambiente familiar e a família precisa estar dentro do ambiente escolar. Temos de encontrar, no sistema social como um todo, uma maneira na qual a focalização não incida sobre o ensino, mas sobre a facilitação da aprendizagem holística e sirva, de verdade, para um diálogo harmonioso e justo na construção da sociedade.

Como propositiva para este trabalho, são apresentados os pressupostos fundamentais do modelo da prática educativa centrada na pessoa. Aqui, princípios e

atitudes inteligentes, aplicados à educação relacional, são modelos pujantes tanto na construção como na reconstrução da sociedade.

Educação é missão. E na missão educacional, a pessoa do aluno é o centro de nossas observações, dedicação e desafios. Toda tentativa de formar pessoas sem o foco na centralidade da existência do aluno é em vão. O indivíduo é um sujeito planetário com valores, sentido e significado.

Nós educadores temos a missão de conduzir o educando ao pódio de uma vida superior, à qual o caminho ideal é evidentemente a educação. Mas como isto pode se processar ao longo da vida e do conhecimento? Vejamos a seguir.

Tão logo nos comprometemos com a missão de ensinar, a primeira coisa que devemos fazer é *saber ouvir e perceber*. Ouvir a voz silenciosa do educando. Perceber o que ele realmente quer nos passar sobre as suas reais necessidades. Ouvir suas queixas. Perceber o sentido profundo do que estas necessidades realmente significam. E, finalmente, sentir o que está se passando no fundo da sua alma. Isto é a instrumentalização de transformação do indivíduo e, consequentemente, de construção e reconstrução social.

Uma relação assim traz benefícios bilaterais. A quem ouve e a quem se faz ouvir. Para professor e aluno. Se o professor ouve o aluno, comprehende suas dificuldades e consegue ver suas reais competências, é fato que esse aluno vai se tornar um herói no processo ensino-aprendizagem. E, como ator social, será sempre instrumento de construção-reconstrução social. Não importa se é na educação básica ou no ensino superior. O princípio válido é o mesmo.

A pedagogia pode compreender, na sua ambivalência, que a essência humana se forma a partir da decisão que o indivíduo pode tomar na sua vida. Na prática educacional, a escola tem o papel de levar a sua clientela a refletir o significado da educação para si, mas é importante entender que a visão de escola que se constrói na atualidade tenha, na verdade, efeito salutar sobre a formação desse indivíduo. Salutar porque edifica, no campo do conhecimento, o que o sujeito aprendiz optou em construir como laboratório de sua vocação, que será, a partir daí, sua atividade laboral.

Neste artigo, procurarei olhar a educação como uma verdadeira essência na esfera humana da vida. Vejo, no humano, um ser dotado de inteligência capaz de se auto-educar, quer seja em sala de aula ou fora dela, a partir da convivência coletiva. Por isso mesmo, a prática escolar deverá estar centrada na pessoa. Não vejo que a educação seja capaz de *transformar* o indivíduo em profissional autêntico. Mas que o indivíduo se apoia ou se utiliza da educação para descobrir e aperfeiçoar a sua competência ou o seu dom inato. Em certo sentido, o indivíduo já nasce “profissional”, trazendo dentro de si tendência vocacional inata. Ao crescer, ele só precisa aperfeiçoá-la. Neste aspecto, reafirmo que um teste vocacional realizado antes do ingresso na universidade, dispensaria qualquer vestibular. E isto explica a competência profissional em qualquer área do conhecimento humano. Um bom profissional é aquele indivíduo que ama o que faz. Um menino que gosta de brincar de ser médico, por exemplo, está revelando o que ele quer ser profissionalmente quando crescer.

Para mim, há dois níveis de educação: a educação obrigatória e a educação por prazer.

1. Educação obrigatória. É a educação fundamentada na dogmática do sistema educacional. Esta educação visa satisfazer apenas os interesses daqueles que governam a nação e dela tiram proveito em prol dos seus próprios interesses e dos interesses dos grupos políticos a que pertencem.

2. Educação por prazer. É a educação fundamentada em princípios norteadores da vida em comum. Esta educação forma cidadãos do mundo. Aqui os indivíduos têm o prazer de buscar o conhecimento de forma autônoma e prazerosa, da mesma forma que os artistas dedicam prazer e emoção pela beleza da arte.

Assim, na educação obrigatória se tem o professor; se tem a figura do mestre. Na educação por prazer, entretanto, se têm parceiros e facilitadores. Todos são, ao mesmo tempo, educadores e educandos na contínua caminhada pela busca do conhecimento.

Na educação por prazer, o indivíduo nunca será um mero repetidor de atividades aprendidas. Mas será sempre um fazedor de sentidos e construtor de significados. Enfatiza-se, então, aquela jovem mãe que se dedica a cuidar do filho simplesmente pelo prazer de ser mãe. Ou o sentimento do pai de família dedicado que sai todos os dias às

cinco horas da manhã para o trabalho, durante meses e anos, simplesmente pelo prazer de ter uma família feliz.

Uma educação por prazer levará em conta, sim, a felicidade do indivíduo apesar dos males existenciais. Reflete o bem da natureza, mesmo sendo ela agredida de mil e umas maneiras. Bem como a flor que aparece no jardim embora sendo mal cuidado. A árvore que dá frutos mesmo não sendo regada. A floresta que produz mesmo sendo devastada. Os pássaros que semeiam embora estando em extinção. O sol que alimenta a vida apesar dos motivos que elevam o aquecimento global. A criança que sorri apesar dos maus tratos. A jovem menina que lapida sua vaidade embora sendo prostituída. E, finalmente, tudo vai caminhando assim.

A educação por prazer, enfim, pode construir o bem de todos, sobre todos e para todos. Desde que se exerça a prática educativa centrada na pessoa.

COMPETÊNCIA: O PROFESSOR E AS HABILIDADES RELACIONAIS

A educação no Brasil sempre passou por problemas gravíssimos, principalmente nas salas de aula, onde se dá o encontro, na prática, entre professor e aluno para o processo ensino-aprendizagem. O problema, muitas vezes, se dá porque, em sua grande maioria, os professores desconhecem questões elementares de psicologia no relacionamento com seus alunos.

Competência é exatamente aquilo que o professor consegue desempenhar em sala de aula a favor do aluno, para que ele supere desafios e dificuldades. Na verdade, colocar o aluno numa linha de aprendizagem em que se elevam princípios e conhecimentos, é alinhá-lo em pilares que ficarão enraizados nele pelo resto de sua vida.

Não importa o ambiente. Não importa como se encontra a família. Quando o professor é criativo e sempre consegue fazer o “quase tudo” educativo do “quase-nada” pedagógico, o aluno fica feliz porque consegue aprender o caminho do conhecimento. Com a pedagogia relacional, você poderá ser um professor ainda mais competente, criativo, admirado e amado pelos seus alunos. E, então, estará apto para:

1. Identificar a missão da escola e da educação proposta como projeto de mudança, reavaliação e reconstrução da história e da própria educação;
2. Clarividenciar, para si e para os educandos, que a prática educacional é um caminho para o futuro com todas as suas especificidades;
3. Situar-se no âmbito de uma dinâmica existencial alicerçada na condição humana em que está a base e o começo de tudo, num processo contínuo de amadurecimento. Tudo na educação é dinâmico e processual;
4. Compreender que a prática educacional engloba múltiplas dimensões as quais levam o homem à universalidade da experiência pessoal nas relações e nos contextos sociais;
5. Experimentar a socialização da integridade de componentes sociais, psicológicos, afetivos, sexuais, morais, espirituais e intelectuais de sua personalidade. Superando, a priori, a fragmentação, os reducionismos e o vazio existencial;
6. Conduzir seus educandos a entenderem que, desde a mais tenra infância, é preciso absorver princípios fundamentais como respeitar o próximo, controlar seus impulsos e afetos, assimilar padrões de comportamento ético-moral. E, assim, a elaborar uma escala de valores em que a verdade, a honradez, a honestidade, a gratidão, a urbanidade, o direito, a justiça e virtudes semelhantes tenham primazia;
7. Levar seus alunos a aprenderem o valor do trabalho, da solidariedade e da partilha;
8. E, enfim, oportunizar a seus educandos o conhecimento reflexivo no sentido de que eles possam desenvolver aptidões para a arte, a cultura, o esporte e a apurar a sensibilidade estética do senso crítico no âmbito sócio-familiar a partir dos valores veiculados.

DEIXE FUNCIONAR, INTERCONECTIVAMENTE, INTELECTO, MENTE E CORAÇÃO

Se não considerar o magistério uma missão, dificilmente o professor alcançará êxito na profissão que escolheu. E quando se encara o magistério como uma missão? Quando se levam em conta as proposições seguintes.

1. A CONDUTA PEDAGÓGICA deverá ser pautada não só na leitura da vida e na experiência profissional, mas também deverá ser fundada na experiência espiritual como uma grande virtude da existência. Isto será possível se o professor aderir, de coração, aos valores transcedentais da vida e da humanidade. Nas motivações da vida e na visão da vida e das coisas existentes. Por este caminho, a dimensão espiritual — fonte de inspiração — leva o professor a desejar fazer sempre o bem do “outro”, e este “outro” é a sua principal clientela escolar.

2. Deve haver CLAREZA NA NOSSA VOCAÇÃO profissional. E clareza vocacional é uma convicção percebida por todos que nos cercam. Há especificidades. E, em razão disto, o aluno logo perceberá nossa missão e, então, se sentirá persuadido pelo tipo de comunicação pedagógica administrada. [Transmitir conteúdo X administrar conhecimento]. Transmitir é jogar, atirar “algo”.

Administrar é conduzir “algo” ou “alguém” ao processo, e explicitar o que fazer com ele. Administrar conhecimento é, portanto, troca de informação. Eu dialogo com o aluno sobre suas habilidades e dificuldades e, nesse processo, eu administro o conhecimento com ele e, então, o conduzo à compreensão do que fazer com o conhecimento que ele adquiriu. Eu protagonizo com o aluno tudo o que ele sabe e tudo o que eu sei para que haja interatividade.

3. Outro ponto importante é a IDENTIFICAÇÃO AFETIVA com o grupo discente. Como um sentimento verdadeiro de família! Na cultura brasileira, as pessoas têm extrema dificuldade de aceitar o outro como família, haja vista não haver um ensinamento do sistema social neste sentido. No entanto, a fraternidade — longe de ser um sentimento meramente religioso — é um princípio universal e deve ser cultivado diariamente nas nossas relações: de trabalho, escolar, comunitária, corporativa ou institucional. Este princípio, na verdade, promove a paz, o diálogo harmonioso e a vida em comum entre as pessoas no mundo. A partir da escola — numa parceria contínua com a família do aluno

— busca-se o alegrar-se com seus valores, seus sentimentos e, ainda, ajudando co-responsavelmente a superar limites com seu exemplo e atitude construtiva.

4. **COMPREENSÃO DA VIDA NO CONTEXTO ESCOLAR** como compromisso pessoal com a missão do serviço educacional. Para tanto, ensinar é também desenvolver, junto aos educandos, uma série de papéis imprescindíveis nos quais o professor investe para que se tornem paradigmáticos na construção da personalidade dos seus alunos.

5. **CONHECIMENTO E ACEITAÇÃO LIVRE** e, não obstante, coerente no modo de proceder da pedagogia escolar. Este é o caminho para se superar a tentação de uma adesão seletiva ao projeto da escola, onde o professor cria a sua própria identidade e “ideologia” magisteriológica, segundo critérios subjetivos. Para isto, o professor precisa estar num laboratório confortável de satisfação e comodidade. Só assim ele terá higienização mental para construir criatividade e, com esta, socializar aulas atraentes e persuasivas.

6. **ATITUDE** de verdadeiro discernimento psicológico em relação às necessidades do aluno. Deve estar fundada na liberdade interior, iluminada pelo senso de compreensão e visão holística.

7. **SENSO DE COLETIVIDADE**. Chamo esta política pedagógica de a “dinâmica do mais-e-mais”. Penso, a priori, não só no sentido específico de coletivização, mas também no aspecto de crescimento pessoal e de resultados promissores. As pessoas interagem entre si e, à medida em que forem se interrelacionando, uma certa criatividade coletiva vai tomando forma gradual e, assim, a cultura da abnegação proporciona uma ascese contaminante – o que implica num exercício prático que leva o grupo à efetiva realização da virtude. Virtude esta que vai desenvolver a percepção do aluno, sua auto-estima e sua dinamicidade pessoal e profissional na vida adulta.

8. A escola deverá ser um **LABORATÓRIO DE VISÃO DE OPORTUNIDADES** onde o senso de responsabilidade gerará no educando um desejo intenso de ajudar a si mesmo e ao “outro”. É para isto que serve a chamada interdisciplinaridade no currículo programático da escola. Essa interdisciplinaridade é que preparará o aluno para uma futura visão multiprofissional.

9. O ESPÍRITO SOLIDÁRIO e de disponibilidade em relação à vida em comum das pessoas é uma dádiva de expressão coletiva visualizada nas relações interpessoais. Há, aqui, uma interdisciplinaridade que converge para uma ideologia comunitária em benevolência humanística — movida pelo desejo de entregar, cotidianamente, suas melhores forças criativas em favor do próximo.

10. MUTUALIDADE E CONFIANÇA. Aqui está o pilar de qualquer crescimento organizacional. Formadores e superiores devem ter atitude de acolhimento e apreço entre si, nas relações funcionais e pessoais. Professores contribuem efetivamente com suas opiniões no ambiente escolar; e diretores, honestamente, ajudam os professores a crescerem na verdade. A mutualidade — reciprocidade nas relações — na organização trabalhista é que, na verdade, leva a escola ao desenvolvimento integralizado.

11. Por fim, o professor precisa estar de PRONTIDÃO para prestar contas de suas atitudes à comunidade escolar e aos seus superiores, com transparência, numa postura contrária ao individualismo e à autossuficiência.

Em tese, a pedagogia relacional fundamenta-se em parâmetros estruturantes da educação humanística mediante articulação de uma gestão escolar integradora. Será conveniente, neste sentido, a interconexão de todos os paradigmas educacionais, no contexto da existência humana, que ajudam o aluno na sua caminhada de futuro. E isto por toda a vida. Os elementos perturbadores dessa dinâmica essencial da vida escolar serão excluídos e os educadores — num reconhecimento reflexivo de seu magistério por excelência — assumirão a sua missão conscientes de serem verdadeiros artistas na transformação da realidade social. O senso de responsabilidade mundividente tem de estar arraigado no seu coração, formatando, persuasivamente, a sua visão de mundo. Só assim será possível reconstruir a história, dando sentido à vida e significado potencial a cada indivíduo.

PRÁTICA PEDAGÓGICA CENTRADA NA PESSOA E (RE)CONSTRUÇÃO SOCIAL

A prática pedagógica centrada na pessoa é um conjunto de mecanismos e habilidades aplicado à educação. É mais do que repasse de conteúdo e boa orientação escolar. É uma prática educacional vivenciada de acordo com os princípios fundamentais da existência humana, cujos fatores principais são a honestidade, a dedicação, o respeito, e a consideração para com o outro (neste caso a clientela escolar) como se esse outro fosse você mesmo.

Com tal procedimento, a pedagogia relacional pode facilitar mudanças pessoais profundas na vida dos indivíduos promovendo curas emocionais, desenvolvimento da personalidade e construção do caráter, crescimento pessoal e aprendizagem.

Mas a pedagogia relacional, centrada na pessoa, também provoca efeitos profundos na vida do professor. Pode ser não só fonte de cura e crescimento pessoal, mas também pode levar as pessoas a um dos mais importantes passos na vida que é o de examinar e conhecer profundamente seu próprio ser.

Carl Rogers disse: “Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para auto-compreensão e para modificar seus auto-conceitos, suas atitudes básicas e suas formas pessoais de agir. Esses recursos só podem ser ativados se um determinado clima de atitudes psicológicas facilitadoras lhes for propiciado” (ROGERS, RJ, 2009).

Se o indivíduo tiver acesso aos recursos internos, com ajuda do professor, começa a alterar sua maneira de pensar recuperando, assim, sua força interna para tomar decisões e mudar sua vida transformando problemas em oportunidades para melhorar sua maneira de viver.

A educação centrada na pessoa se apoia em atitudes facilitadoras para processar a cura, o crescimento, o desenvolvimento e a aprendizagem. Nessa relação, professor e aluno dever operar juntos para promover o crescimento do aluno. As três condições básicas são: genuinidade, consideração positiva incondicional e compreensão empática.

Genuinidade: ser genuíno é ser honesto, real, autêntico e transparente. Nesta posição, a pessoa não fala, apenas deixa que sua sabedoria interna fale por ela e não tem nenhuma necessidade de enganar os outros. Não tem máscara, e expressa seus sentimentos e pensamentos no momento certo. Ninguém pode ser puro de coração se o

EGO estiver controlando a mente, pois com o ego estarão o medo, a raiva, a indiferença, a culpa, a dor, a decepção e a miséria.

Consideração positiva incondicional: consiste em um respeito profundo pela outra pessoa (aluno, colega, superiores, liderados) mostrando uma aceitação e um cuidado para com ela sem colocar nenhuma condição prévia. Você aceita e valoriza altamente a pessoa não importando quem ela seja ou o que ela tenha feito no passado.

Compreensão empática: Não podemos entender o outro e nem ser empáticos, sem compreender profundamente o que o outro está vivenciando. Isto significa que preciso ouvir atentamente o outro sem tentar formar uma opinião, sem tentar formular uma resposta para o que a pessoa está dizendo e sem tentar mudar o que quer que seja que a pessoa esteja vivenciando no momento. Simplesmente escuto e procuro sentir o que o outro está sentindo, pensar o que o outro está pensando, ver o mundo como o outro está vendo, e repetir para mim mesmo o que o outro está dizendo.

Unidade psicológica: É quando professor e aluno colocam de lado as suas crenças e experiências de que são duas pessoas separadas e se unem no que elas têm de mais importante na mente. Nesse momento, professor e aluno agem de maneira funcionalmente completa. Karl Rogers disse: “O ponto crucial é que quando uma pessoa está agindo completamente, não existe barreiras, não existe inibições, que a impeçam de vivenciar o que está presente de uma maneira orgânica”.

Utilização do potencial criativo para atingir objetivos. Professor e aluno trabalham de maneira criativa cooperacional em busca de saúde e do crescimento.

Na prática educacional eu procuro superar a mim mesmo: nas limitações resolutivas, no conhecimento, nas relações pessoais e interpessoais, na arte de construir amigos, na administração de boas maneiras e, principalmente, na comunicação.

DISCIPLINA: RELAÇÃO PEDAGÓGICA EMPÁTICA E COMUNICAÇÃO PERSUASIVA

A indisciplina de alunos no ambiente escolar tem contribuído para formação de um exército de educadores estressados, deprimidos, emocionalmente doentes e afastados da

SOAREZ, B. A educação centrada na pessoa: princípios de pedagogia relacional na transformação do indivíduo e (re)construção social. Modalidade: Palestra. **Anais** – IV Congresso Nacional de Educação na Contemporaneidade, Natal/RN, v. 2, n. 2, p. 31-50, dez./2025.



sala de aula. No Brasil, a causa principal da indisciplina na escola são os problemas socioeconômicos, causados pela globalização e o neoliberalismo. Isso reflete diretamente nas famílias cujos filhos são nossos alunos. Também estressados, e sofrendo toda sorte de consequências provenientes da situação de desemprego de seus pais, os alunos manifestam os reflexos da sua situação familiar em forma de indisciplina.

Disciplina não é um ataque pessoal ao aluno. Mas um diálogo agradável e honesto com ele. Traga à memória o seu tempo de criança. Isto o ajudará a melhor compreendê-lo.

Quando o professor se exalta e começa a gritar com o aluno, demonstra que aceitou a provocação dele. É aí que o professor deve convidar o aluno indisciplinado para uma conversa particular, harmoniosa, agradável e persuasiva com ele. Isto atrai respeito, admiração e agradabilidade. Trate-o com cortesia e amabilidade. Frustre as expectativas dele de que irá levar um sermão. Termine a entrevista com um aperto de mão amistoso. E, assim, conquiste um aliado e não um inimigo.

Nunca exija respeito do aluno. Mas conquiste a admiração dele. Se você demonstra senso de liberalidade e segurança, não precisará de exercer autoridade. Permita que o aluno seja seu admirador.

UMA PEDAGOGIA DE COMUNICAÇÃO RELACIONAL NO AMBIENTE SOCIO-TRANSFORMACIONAL

Muito me tem sido gratificante aprender nas escolas, por onde tenho passado, que a aprendizagem humana depende de dois pilares para se sobressair triunfante: do significante e do significado. O primeiro é correspondente à forma. O segundo é a representação, por meio da linguagem, do significante. Aí se constitui a linguagem. E com a linguagem se constitui o discurso. Com o discurso se faz a comunicação. E com a comunicação se socializa o conhecimento. Neste sentido, vale lembrar que os significantes são sempre os mesmos. O que mudam são os significados. A pedagogia trabalha sempre com os mesmos significantes. Mas precisa inovar quanto aos

significados. E inovar parece não ser tarefa fácil na pedagogia atual. Pelo menos na prática tem sido assim.

Se, na pedagogia, não houver uma definição qualificada da linguagem e, portanto, na construção do discurso, fica difícil de se transmitir conhecimento. Muitos professores têm pouco êxito na relação com seus alunos devido à falta de comunicação. Relacionam-se mal. E, portanto, se comunicam mal. Ou vice-versa.

Em qualquer relação, entretanto, o fator primordial é a comunicação. Na sala de aula principalmente, porque é ali que o aluno se prepara para a vida e para o conhecimento do mundo.

Dependendo de como o professor se comunica com seus alunos, estes irão “crescer” ou diminuir. Quando eu era criança — estudando o ensino fundamental — tinha uma professora que fazia eu me sentir um “lixo”. Cada vez que eu errava, ela batia com a palmatória na minha cabeça e me chamava de burro e outros palavrões. Cresci sendo estigmatizado por aqueles que se diziam meus mestres. E quanto mais eu era “torturado” pela didática militar, do terror psicológico, mas eu errava a lição, ficava cada vez mais difícil aprender. Com o tempo, fui absorvendo a infeliz ideia de que eu era mesmo burro e incapaz de aprender. Passei a ter medo da escola. Quando estava em sala de aula, ficava torcendo para o tempo passar rápido e logo chegar a hora do recreio. Quando voltava do recreio, torcia para dar logo o horário de ir para casa. A escola, para mim, era o pior lugar do mundo.

Todo mundo era capaz, menos eu. A consequência disso não foi nada agradável. Raciocínio lento, desmotivação para estudar, dificuldade para entender a matéria. Estava, agora, diante de uma dislexia adquirida. Na minha casa, outro problema: meus pais me batiam com chicotes e galhos de pequenas árvores para que eu deixasse de escrever com a mão esquerda. Queriam que eu, a qualquer custo, escrevesse com a mão direita. Para mim era muito difícil. A caneta resvalava. A caligrafia saia toda torta. E a lentidão na escrita bloqueava minha compreensão quanto ao texto, pois fazia um enorme esforço mental para conseguir equilibrar a caneta ou o lápis.

Quando meus pais se descuidavam ou se afastavam de perto de mim por algum tempinho, eu trocava rapidamente a caneta para a mão esquerda e aí escrevia com uma

habilidade incrível. Quando eles voltavam, diziam: “Tá vendo só, como você conseguiu?!”. Eles nem sabiam que, enquanto se afastavam, eu escrevia com a outra mão — a esquerda — com a qual tinha absoluta habilidade.

Mas eles venceram. De tanto apanhar, acabei “aprendendo” a desenhar as letras com a mão direita. Hoje, no entanto, tenho uma grave dislexia e muita dificuldade para assimilar qualquer texto. Meus hemisférios cerebrais foram bruscamente afetados para o resto da vida. Quando leio muitos textos, sinto uma enorme confusão mental e não consigo ser aprovado em concursos públicos, por mais que eu me esforce estudando sem medida. A única coisa que não afetou foi a minha criatividade. Por isso escrevo artigos e livros. E sou jornalista. Mesmo assim, meu raciocínio continua lento. Hoje, não consigo realizar tarefas intelectuais em tempo hábil. Tudo tem que ser feito lentamente.

Na escola onde trabalho, dou atendimento psicopedagógico e não são poucos os casos de crianças que chegam até mim com aprendizagem bloqueada por conta da falta de comunicação adequada por parte de pais e professores. O tratamento é lento e difícil. Precisa-se ter muita paciência para recuperar um aluno nessas condições. A título de sugestão, a escola deve criar um programa educacional diferenciado, quando detectar alunos com dificuldade de qualquer natureza. É claro que, hoje, o serviço de assistência psicopedagógica tem contribuído significativamente para a melhoria educacional. Mas poucas escolas, ainda, disponibilizam esse serviço.

A comunicação, na prática pedagógica, é algo que deve considerar, imprescindivelmente, a sensibilidade aos sons, estrutura, significados e as funções das palavras e da linguagem, mas também a estrutura somática, psíquica e emocional do aluno. Sem estes cuidados, não devemos nos candidatar à arte da missão educacional. Na comunicação escolar, não faz sentido sermos meros atores no repasse do conhecimento, mas sábios artistas no caminhar do desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS: O SUJEITO COMO FOCO DE TRANSFORMAÇÃO

O centro é o aluno. Não o conhecimento. Na pedagogia escolar, o mais importante não é o professor, nem o que ele sabe. O mais importante é o educando.

Eu disse no início deste artigo que, tão logo nos comprometemos com a missão de ensinar, a primeira coisa que devemos fazer é saber ouvir e perceber. Ouvir a voz silenciosa do aluno. Perceber o que ele realmente quer nos passar sobre as suas necessidades. Ouvir suas queixas. Perceber o sentido profundo do que estas necessidades realmente significam. Temos fazer o aluno gostar da escola e de estudar.

Como isto é possível? Observando seu olhar, seus gestos, suas palavras, como reagem diante das perguntas. Sendo criativos no protagonismo em sala de aula. Veja se, nalgum destes atos, o educando demonstra timidez, retração e medo. Se ocorrer, algo está errado e cabe ao professor, juntamente com a equipe pedagógica, investigar. Escute o aluno e dê crédito ao que ele diz.

Não sou capaz de mensurar minha felicidade quando consigo realmente ser ouvido por alguém. Você já ouviu falar em psicanálise, não? Então você sabe que as pessoas, ao consultarem um psicanalista, ficam curadas simplesmente por serem ouvidas! A escuta pedagógica e educativa é fato transformacional. Neste sentido, a escola deve se dispor em ser um ambiente de impacto social transformador.

Certa vez meu professor Petrus Johannys Von Ool — educador brasileiro de origem holandesa — percebeu que eu estava meio diferente e triste. Na ocasião, ele estava traduzindo um livro para a Editora Vozes. Não tinha nenhuma razão para deixar seus afazeres por qualquer outra coisa. Mas o experiente existencialista deixou tudo, me chamou para a pracinha da sua casa e ficou ouvindo minhas queixas até altas horas da madrugada. Quando menos esperava, ouvi dele a suave pergunta: “Você está melhor?”. Foi a propósito. Eu, então, percebi que estava sentindo uma completa paz de espírito. Meu semblante já era outro.

Não é difícil perceber a reação de dor e angústia de uma criança quando ela faz alguma pergunta ao professor e ele responde asperamente. E isto não ocorre somente na escola primária. Lembro-me, por exemplo, de que, na faculdade, certa vez, precisei resolver um problema de notas junto à diretoria acadêmica. O professor tinha errado no lançamento da minha nota, deixando-me prejudicado.

Ao falar com a diretora, ela me recebeu asperamente:

— Como você sabe que foi o professor que errou? Isso é uma acusação muito séria — disse ela com os olhos arregalados sobre mim.

Eu tentava explicar, mas ela não dava espaço, alterando o tom de voz ao mesmo tempo em que eu tentava expor meu ponto de vista. Perturbado, tive que interrompê-la.

— Calma, diretora — disse eu, com voz de comando. — Se ficarmos falando ao mesmo tempo, ficará impossível a senhora entender meu problema.

Só então ela passou a escutar-me, mesmo que de cara franzida, visivelmente aborrecida. Agora, imagine: se no ensino superior uma diretora escolar desconsidera, desta maneira, um aluno adulto, o que acontece a uma criança que ainda não sabe se defender? A falta de comunicação no ambiente escolar gera uma avalanche de contrariedades e pouco êxito na missão pedagógica. Comunicação só é comunicação se houver feedback na relação. Em se tratando do ambiente educacional, só há comunicação se professor e aluno souberem ouvir e ser ouvidos; expressar o que pensam e saberem entender o que o outro pensa.

Quando o aluno é ouvido, ele se sente importante. Sua auto-estima se eleva e o fator aprendizagem cresce. O fato de ele ser ouvido enriquece sua vida. A relação harmoniosa da pedagogia relacional tranqüiliza a alma do educando e o deixa mais feliz, portanto, mais apto para refletir e absorver o conhecimento transmitido.

Mas ouvir o aluno não faz bem somente para ele. Enriquece também o professor, o diretor, o psicopedagogo etc. Veja o que disse Carl R. Rogers (2009) sobre isto:

Quando consigo realmente ouvir alguém, isso me coloca em contato com ele, isso enriquece a minha vida. Foi ouvindo pessoas que aprendi tudo o que sei sobre as pessoas, sobre a personalidade, sobre as relações interpessoais. Ouvir verdadeiramente alguém resulta numa outra satisfação especial. É como ouvir a música das estrelas, pois por trás da mensagem imediata de uma pessoa, qualquer que seja essa mensagem, há o universal. Escondidas sob as comunicações pessoais que eu realmente ouço, parecem haver leis psicológicas ordenadas, aspectos da mesma ordem que encontramos no universo como um todo. Assim, existem ao

mesmo tempo a satisfação de ouvir esta pessoa e a satisfação de sentir o próprio eu em contato com uma verdade universal. Quando digo que gosto de ouvir alguém estou me referindo evidentemente a uma escuta profunda. Quero dizer que ouço as palavras, os pensamentos, a tonalidade dos sentimentos, o significado pessoal, até mesmo o significado que subjaz às intenções conscientes do interlocutor. Em algumas ocasiões, ouço, por trás de uma mensagem que superficialmente parece pouco importante, um grito humano profundo, desconhecido e enterrado muito abaixo da superfície da pessoa. (Rogers, 2009, p. 35).

Uma relação assim traz benefícios bilaterais. A quem ouve e a quem se faz ouvir. Se o professor ouve o aluno, comprehende suas dificuldades e consegue ver suas habilidades outras, é fato que esse aluno vai se tornar um herói no processo ensino-aprendizagem. Não importa se é na educação básica ou no ensino superior.

No curso de Direito, tive um professor de Direito Civil que se comunicava mal. Além de incorporar uma didática tradicional e ditatorial, ele humilhava seus alunos numa demonstração de superioridade rabugenta e nada motivadora. Fazendo terrorismo na sala de aula, certa vez, num dia de prova, ele gritou, em tom de bazófia, para toda a turma:

— Quem não conseguir responder essa prova, por favor, desista do curso.

Todos ficaram apreensivos. As questões não eram nada facilitadoras. E aquele professor tinha um certo “prazer” em reprovar alunos. Seu jeito de dar aula era uma coisa totalmente neurótica, agressiva, desmotivadora e nenhum pouco empática. Sua comunicação, portanto, era péssima. A turma inteira o antipatizava e, por isso, pouco conseguia aprender. O clima na sala de aula era sempre nervoso e tenso.

Em contrapartida, no curso de jornalismo, em outra faculdade, tive uma professora chamada Elaine cuja didática era totalmente inversa. Os alunos a amavam e, por isso mesmo, se concentravam em suas aulas e aprendiam com tranqüilidade. Ainda lembro-me do seu jeito dócil de ministrar a disciplina e da riqueza de conteúdo que ela conseguia nos passar. Totalmente diferente do professor de Direito Civil, com ela a gente aprendia fácil e divertidamente. Como diria Pedro Demo: “a gente aprendia brincando”. Ninguém ficava reprovado. Os alunos se tornavam bons nas disciplinas que a professora Elaine ministrava.

O bom professor é aquele que não deixa aluno reprovado. Afinal de contas, ele é o mestre, e mestre tem que superar desafios. E levar o aluno à superação de suas próprias dificuldades é o seu grande desafio.

Recentemente recebi uma aluna cuja queixa era a de que ela não conseguia aprender. A primeira vez que ela veio a mim foi trazida pela tia. Na entrevista, a tia, entretanto, me disse que não morava com a garota. Tinha vindo à escola com a aluna apenas porque a mãe da menina trabalhava e não tinha tempo. Portanto, pouco sabia sobre a história de vida da aluna. Solicitei, então, a presença da mãe. Sugerí que ela fizesse um pouco de esforço.

Dias depois, ao conversar com a genitora da criança, tomei conhecimento de toda uma história familiar que agora se refletia na dificuldade de aprendizagem daquela menina. Tomei nota de tudo. Após algumas sessões, descobri que estava diante de uma pessoa inteligentíssima e muito talentosa. Tinha um senso de percepção aguçado, uma criatividade brilhante e argumentava as tarefas de maneira cativante.

— Filha, você é genial! — disse eu, sorrindo para ela. — Sua mamãe está de parabéns por tê-la como filha. É um presente da vida.

— Obrigada, professor. Eu também sei desenhar, sabia? — argumentou ela de maneira espontânea.

E, é claro, a garota rabiscou um desenho que caracterizava a sua situação emocional. Nele foi possível detectar um pai que morava distante, em outro estado, uma mãe ausente porque precisava trabalhar para manter a casa e um medo estranho, reprimido, porque tinha de ficar sozinha em casa, trancada o tempo todo, de onde só saia para ir à escola. Então, as notas baixas foram resolvidas com apoio, atenção e elogios que lhe deram segurança e bom ânimo para continuar. A mãe, por sua vez, deu sua contribuição, reservando algumas horas diárias para estar com a filha, passear e brincar. Aos poucos, o problema foi se resolvendo.

Quando vemos o aluno como a figura mais importante no processo ensino-aprendizagem, estamos caminhando junto com ele, valorizando-o como gente e fazendo

com que ele se sinta amado. Isto vai ajudá-lo a superar incrivelmente todas as suas limitações e pesadelos educacionais.

Não importa se o professor é graduado ou PHD. No processo ensino-aprendizagem, a pessoa mais importante é sempre o aluno. O sujeito da educação é ele. Todo o olhar da vida agora deve voltar-se em sua direção. O fazer pedagógico, portanto, deve estar centrado na pessoa do aluno. Na sala de aula, o professor deve usar a sua autoridade de mestre para conquistar o respeito dos educandos. Quem disse que uma didática estúpida e a insensatez pedagógica contribuem para a aprendizagem do aluno, formou-se numa escola de estrebaria.

A prática educativa centrada na pessoa está fundamentada em: parâmetros estruturais; educação humanística (baseada rigorosamente nos princípios existenciais); articulação coletiva; gestão escolar integralizadora; flexibilidade no planejamento escolar; projeto político-pedagógico voltado para as seguintes políticas sociais: (1) meio ambiente; (2) saúde integrativa; (3) organização comunitária; (4) debate social; (5) comunicação e pesquisa; (6) científicidade.

Avaliação centrada no bem-comum da pessoa humana: (1) respeito aos princípios fundamentais; (2) ajuda ao aluno no seu projeto de vida ocupacional; (3) elevação da auto-estima; (4) voltada para o desenvolvimento pessoal do aluno.

Fatores essenciais contributivos na implementação da pedagogia relacional centrada na pessoa: (1) equilíbrio emocional; (2) estrutura pessoal; (3) respeitabilidade em toda a equipe; (4) ambiente arejado (espaço físico confortável); (5) aamília participante do processo; (6) educadores capacitados; (7) gestão escolar integralizadora e participativa; (8) comunicação; (9) planejamento participativo.

REFERÊNCIAS

AYRES, Antônio Tadeu. **Prática pedagógica competente: ampliando os saberes do professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOAREZ, Battista. **Por uma pedagogia existencial**. São Paulo: Arte Editorial/Visão Global Editora, 1010.

CAMARGO, Marculino. **Fundamentos de ética geral e profissional**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERREIRA, Márcia. **Ação psicopedagógica na sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2001.

ROGERS, Carl R. Tornar-se pessoa. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2009.